



*Literatura de Cordel como
etiologia de inspiração para o
ensino da língua portuguesa
e literatura*

Antônio Eudes Mota



AYA EDITORA
2023

**Literatura de Cordel como etiologia
de inspiração para o ensino da língua
portuguesa e literatura**

Prof.º Me. Antonio Eudes Mota

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autor

Prof.º Me. Antonio Eudes Mota

Capa

AYA Editora

Revisão

O Autor

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva
Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa
Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos
Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota
Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira
Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos
Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva
Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza
Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão
Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior
Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti
Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus
Pauapebas*

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

© 2023 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autor para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas neste Livro, bem como as opiniões nele emitidas são de inteira responsabilidade de seu autor e não representam necessariamente a opinião desta editora.

M917 Mota, Antonio Eudes

Literatura de cordel como etiologia de inspiração para o ensino da língua portuguesa e literatura [recurso eletrônico]. / Antonio Eudes Mota -- Ponta Grossa: Aya, 2023. 50 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-235-7

DOI: 10.47573/aya.5379.1.133

1. Literatura de cordel brasileira. 2. Linguagem e literatura. 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 4. Metodologia. I. Título

CDD: 398.2

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

**International Scientific Journals Publicações
de Periódicos e Editora LTDA**

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	9
A LITERATURA DE CORDEL EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO	12
Literatura de cordel – cultura popular	13
A importância da literatura de cordel em sala de aula	16
Literatura de cordel: recurso didático no ensino da língua portuguesa	18
Os encantos da literatura de cordel	20
LÍNGUA VIVA POR INTERMÉDIO DA LITERATURA DE CORDEL	24
Literatura de cordel, distintas maneiras de explicar o universo	25
Literatura de Cordel: perspectivas, modos de olhar, ver e dizer.	27
Literatura de cordel: distintas maneiras de fascinar	28
Literatura de cordel como arte presente em todas as culturas.....	30
POESIAS, POETAS E ESCRITORES DE MANIFESTAÇÕES POPULARES	33
Literatura de Cordel: distintas inspirações	34
Literatura de Cordel: trabalhando o silogismo crítico	36
Literatura de Cordel: refletindo a realidade.....	38

A língua portuguesa atualmente, novas perspectivas	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
SOBRE O AUTOR	46
ÍNDICE REMISSIVO	47

Apresentação

O presente estudo tem como tema principal “a literatura de cordel como etiologia de inspiração no ensino da língua portuguesa”, tendo como objetivo identificar e analisar dados sobre uma das competências menos desenvolvidas no ensino de literatura e língua portuguesa em sala de aula, que é sem dúvida alguma o gênero cordel, que pode ser uma boa oportunidade do aluno ter um contato com a experiência cultural que emana desta literatura e toda sua riqueza expressiva, quanto à articulação de várias linguagens: verbal oral, verbal escrita, musical e visual e quanto aos diversificados temas que o aborda.

Podemos assim conhecer, valorizar e respeitar a multiculturalidade própria do nosso país e os significados e coletividades, experiências comunitárias, e o imaginário do folclore, presente na produção do cordel. Além do mais, é bastante formidável discutir com os discentes como a literatura de cordel, até por sobrevivência acaba de integrar inovações da indústria cultural, o que a converte mais rica e diversificada. Portanto, o que se pode ressaltar neste projeto é que a literatura de cordel ainda é pouco falada e comentada em sala de aula, muitos educandos não sabem ainda nem distinguir o que é literatura de cordel, o que é um conto, uma fábula, uma crônica, uma poesia, um texto literário e assim por diante.

A ideia deste estudo é justamente isso, tentar propor aos discentes e docentes o quanto nossa literatura é importante para o resgate da cultura popular e ao mesmo tempo em que se faz esse resgate, pode-se trabalhar diversos textos que despertem o prazer pela leitura e escrita na própria sala de aula. Sabe-se que nossa língua portuguesa é muito rica e diversificada assim como sua produção cultural.

Temos uma cultura rica, de um povo, que a exemplo disso temos o nordestino que é um povo especial. Ainda assim, provavelmente o nosso grande problema seja o não enaltecimento daquilo que temos. Torna-se mais favorável aceitar o que a mídia sugere do que estudar o que está em nosso cotidiano. A literatura de cordel é justamente essa coisa: “a cultura comum, popular”. Os versos encontram-se sempre narrando acontecimentos, fatos políticos, artísticos, lendários, entre outras coisas mais.

Prof.º Me. Antonio Eudes Mota

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma reflexão acerca do tema “a literatura de cordel como etiologia de inspiração no ensino da língua portuguesa”, tendo como objetivo principal identificar e analisar dados em relação a uma das competências menos expandidas no ensinamento de literatura em sala de aula, que é sem sombra dúvida o gênero cordel, que pode ser uma excelente oportunidade do discente ter um contato com a experiência cultural que emanar desta literatura e toda sua riqueza expressiva, quanto à articulação de várias linguagens: verbal oral, verbal escrita, visual e musical quanto aos abrangentes temas que o interpela.

Torna-se bastante rica e múltipla a produção cultural de um povo, todavia o nordestino é especial. Ainda assim, talvez o nosso grande problema seja o não enaltecimento daquilo que temos. Torna-se mais favorável aceitar o que a mídia sugere do que estudar o que está em nosso cotidiano.

A literatura de cordel é exatamente essa coisa “cultura comum, popular”. Os versos estão sempre narrando acontecimentos, fatos sociais e políticos, artísticos, lendários, folclóricos ou inusitados da vida como ela verdadeiramente é. Sua produção é comum como a gente; não reivindica grande apuro “estilismo” ou “protocolos”; sua abrangência alcança todas as classes sociais.

Assim, o que falta é o reconhecimento e a valorização. Ao propor este trabalho para os alunos em sala de aula, estaremos oferecendo um leque de recursos que os ajudarão em várias carências de aprendizagem, como a leitura, a escrita, produção textual, a linguagem não verbal (na análise da xilogravura), observação artístico-literária e um macrocosmo para a socialização e cidadania, essencialmente, no âmbito da Literatura.

É um campo de pesquisa pedagógica onde os docentes terão subsídios didáticos para trabalhar diversos tipos de conteúdo, uma vez que, estes podem ser adaptados aos objetivos que forem esboçados. Simultaneamente, é uma possibilidade para que esta ramificação da literatura popular tenha uma oportunidade de aceitação e valorização; construindo um despertar entre as pessoas do gosto pela manutenção dos nossos artistas

e da cultura nordestina nas escolas.

Portanto o objetivo principal deste estudo é proporcionar a escola e ao docente a inclusão da Literatura de Cordel em sala de aula para que se estabeleçam propostas para a disseminação desta arte literária entre os discentes, fazendo com que se proponha a qualidade da leitura, a característica forte da oralidade, presente nas falas dos protagonistas populares (sertanejos, brejeiros,...) e a idealização textual focalizando bem como a história do cordel a existência e a obra de grandes cordelistas para que seja capaz de conhecer esta riquíssima manifestação literária popular .

Os objetivos específicos são: Conhecer uma rica manifestação da nossa literatura (nordestina) caracterização de valores pedagógicos (leitura, escrita e métrica dos versos) na utilização do cordel, possibilitar o discente a aprendizagem da linguagem cordelista, evidenciando a cultura nordestina em favor da valorização das nossas raízes, proporcionar uma aproximação do discente com a cultura popular nordestina, entusiasmar uma visão crítica e simultaneamente poética sobre a realidade sertaneja.

Considera-se que o contexto educacional, a partir dos tempos mais remotos, vem constantemente relutando em relação ao ensino-aprendizagem, em outras palavras, sucessivas mudanças em benefício da aprendizagem, contudo ainda a de melhorar aqui está o que o discente da atualidade não tem a capacidade de interpretar ou argumentar o que está lendo e de que se refere o texto.

Diante dessa questão e considerando ainda o “contexto educacional”; esse trabalho tem como justificativa reconhecer a diversidade cultural e linguística do país, conforme avalia Maria José em seu artigo da revista “Nova Escola” sobre o incentivo da literatura de cordel,

“... empreguei a literatura de cordel e textos de Patativa do Assaré para romper preconceitos da língua portuguesa, “Revele a seus discentes que a língua popular por diversa vezes é desmoralizada porque o povo é discriminado”, afirma a professora. Solicite que eles encontrem a regra desses versos, que perdem a norma padrão institucionalizada. Planejando conteúdo com músicas de Luiz Gonzaga, fã confesso de Lampião, da mesma forma pode ser bons matérias para ilustrar a existência do povo nordestino. Ponha música do rei do baião para seus discentes ouvirem e dançarem. “É um reconhecimento da diversidade cultural e linguística do país’.

À vista disso, e considerado o que foi mencionado acima, a literatura de cordel é uma temática interessante e de suma importância para nossa região, uma vez que, todo ser humano tem exigência de conhecer suas origens, a ascendência, sua história, a cultura e os costumes da sociedade onde vive, de seu território.

A literatura de cordel no âmbito da instituição escolar não é muito habitual nem explorada, em razão da mesma ser vista de forma avessa pelos discentes, não trazem consigo a peculiaridade de que “Literatura é vida, é arte” devido essa percepção a respeito da falta de divulgação e conhecimento sobre literatura de cordel nas salas de aulas, tornou-se necessário que os discentes saibam a riqueza que há nos versos da literatura de cordel para que sejam capazes construir textos, engrandecer como leitor e conhecer uma das mais abundantes manifestações da língua.

A LITERATURA DE CORDEL EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A literatura de cordel em seu contexto histórico retrata “o romanceiro popular português”, onde originou-se a literatura de cordel. Ela começou a ser divulgada nos séculos XVI e XVII, trazida pelos colonos portugueses cuja venda era privilégio dos cegos. A partir do século XIX o romanceiro nordestino tornou-se independente, com característica própria, esse nome surgiu a partir de um cordel ou barbante em que os folhetos eram pendurados em exposição.

No princípio, a literatura de cordel unifica-se à divulgação de histórias tradicionais, relatos de épocas passadas que a lembrança popular sustentou e transmitiu. Esses relatos emolduram-se na categoria de romance de cavalaria, amor, guerras, viagens ou conquistas navais. Mais tarde apareceram no mesmo tipo de poesia a descrição de fatos recentes e de acontecimentos sociais contemporâneos que prendiam a atenção da população (EVARISTO, 2003).

Na Espanha, o inalterado tipo de literatura popular era conhecida por “*pliegos sueltos*,” o corresponde em Portugal, às folhas volantes, folhas soltas ou literatura de cordel. Já no México, Argentina, Nicarágua e no Peru existe o corrido, integra-se em geral de dois grupos: os de romance tradicionais, com temáticas globais de amor e morte, considerados como profanos, religiosos e pueris; e *oscorridos nacionales*, com temáticas patrióticas e políticas estes últimos os menos cantados.

Na França, o mesmo fenômeno corresponde a “*litterature de colportage*,” literatura volante, mais dirigida ao meio rural, através do “*occasionnels*”, enquanto nas cidades prevalecia o “canard.”

Na Inglaterra os folhetos tornam-se idênticos aos nossos eram correntes e intitulados “*cocks*” ou “*catchpennies*”, em conexão aos romances e histórias imaginárias; e “*broadsides*” referentes às folhas volantes acerca de fatos históricos, que correspondiam aos nossos folhetos de encorajamento *circunstanciais*. Os chamados folhetos de época ou “*acontecidos*.”

Na Alemanha, os folhetos traziam configuração tipógrafos em quarto e oitavo de quatro e a dezesseis folhas. Editorado em tipografias avulsas, disponibilizavam-se ao grande público, sendo assim vendidos em mercados, feiras, tabernas, em frente das igrejas e universidades. Suas capas (exatamente como ainda hoje, no Nordeste brasileiro) traziam xilogravuras, fixando aspectos do tema tratado. Apesar da maioria dos folhetos germânicos estivesse em prosa, outros compareciam em versos, até mesmo indicação, no frontispício, para ser cantado com melodia notáveis da época.

No território brasileiro não se discutia a literatura de cordel, nos chegou por intermédio dos colonizadores lusos, em “folhas soltas” ou “manuscritos. Só posteriormente, com o surgimento das pequenas tipografias, finais do século passado a literatura de cordel se fixou raízes especialmente no Nordeste justamente para evidenciar que é uma literatura bem popular, aparecem também os denominados repentistas, que compõem as letras na hora, de acordo com a solicitação da plateia que lhes apresentam o assunto, e os cantadores executam geralmente cantam em dupla, e esses têm revelados as divergências sociais, políticas e econômicas que nos últimos anos têm nos penalizados. O cordel uma das peculiaridades da cultura regional.

Literatura de cordel – cultura popular

Como se sabe, o cordel vem resistindo à custa de muita luta, tanto os que cantam como os que escrevem o cordel, tem sobrevivido. Graças à vontade de fazer algo diferente o cordel tem rompido barreiras que pareciam intransponíveis, para poder ocupar o lugar que está sendo habitado por coisas que não são do nosso país.

Os folhetos de cordel brasileiro, com seus diversificados temas e apreciável forma de composição poética, têm se constituído objetos de pesquisas para estudiosos do nosso país e da mesma forma estrangeiros. Os textos de cordel poeticamente sistematizados trazendo a sextilha como estrofe essencial, são delineados com xilogravuras, tópicos de cartões postais, desenhos, fotografias e outras produções gráficas e oferecem farto material para pesquisas ensejando variadas interpretações que remetem para o contexto sócio-cultural em que se inserem cada texto (EVARISTO, 2003).

Deste modo, os folhetos sobre os mais diferentes temas, tradicionais ou contemporâneos são metrificados por inumeráveis poetas populares, determinando-se conexões icônica textuais significativas, ou demais intratextuais. Como se conhece, esta valiosa e inspiradora expressão literária popular, que encontrou campo fecundante no Nordeste brasileiro, só é capaz de ser bem compreendido no íntimo do contexto cultural mais extenso, envolvendo suas origens europeia ou orientais, até a produção atual, de modo a se ter uma visão mais ampla dos seus temas e formas de expressão e das transformações por que vêm transitando, no padrão da estrutura da narrativa.

Literatura de cordel é o nome desse meio de oferece literatura popular, originou-se no fato dos vendedores, dependurarem pequenos livrinho em barbantes ou cordões, geralmente confeccionados nos tamanhos de 11x15cm ou 11x17 cm e, de papel de baixa qualidade, e tinham suas capas com ilustrada com xilogravuras na década de 20, anos 30 e 50, surgiam as capas com fotos de estrelas do cinema americano.

Hoje em dia, até ao presente o mesmo formato, ainda que possam ser encontradas em demais tamanhos. No que diz respeito à impressão representando a tipografia do passado, atualmente também são manipuladas as fotocópias, é cotidiano encontrar os vendedores ambulantes colocá-los em cima de caixotes ou esteiras, nas calçadas. Esses vendedores também costumam aparecer em feiras semanais.

A literatura de cordel encontra-se dividida em três tipos: folhetos que incluem oito páginas, romance que dispõem de dezesseis a vinte e quatro páginas, e estórias de trintas e dois a quarenta e oito páginas. De forma genérica, sua apresentação gráfica é muito despretensiosa, uma vez que o preço é baixo, em virtude de se destinar a camada menos favorecida da população.

Tais livros narram os mais múltiplos assuntos, a partir das estórias de amor, as façanhas de cangaceiros e episódios importantes, na investida de melhor vender sua mercadoria, habitua o vendedor ler em voz vigorosa a temática do livro para em seguida oferecê-lo aos possíveis compradores, os conteúdos apresentados nesses livros mostram-se em prosa ou em versos, tornando-se bastante comum esta forma, segundo além do mais descreve em estrofes, Francisco Ferreira Filho Diniz em seu cordel "*o que é literatura de cordel?*"

A xilogravura – arte de esculpir em madeira – é provavelmente de origem chinesa, passando a ser manifesta desde o século VI. No Ocidente, de antemão ela consolida-se durante a Idade Média, por intermédio das iluminuras e manufaturas de baralhos. Contudo até este momento, a xilogravura era simplesmente técnica de reprodução de cópias. Só mais tarde é que ela começa a ser valorizada como manifestação artística em si (EVARISTO, 2003).

A partir do século XVIII, comparece à Europa moderna invenções revolucionária da xilografia: as ilustrações japonesas a cores. Processo que só se desenvolveu no Ocidente a partir do século XX. Atualmente, já se utilizam até 92 cores e tonalidades em uma única gravura. Perspectiva de grande importância do Cordel, inquestionavelmente é, a xilogravura de suas capas. Sabe-se que o cordel antigo não trazia xilogravuras. Suas capas eram desenhadas simplesmente com vinhetas, desfavorecidos arabescos utilizados nas pequenas tipografias do interior nordestino.

A contar da década de trinta, apresentaram folhetos ostentando nas capas bordões de artistas de cinema, fotografias de postais, imagem de Padre Cícero e Lampião. As xilogravuras ou “tacos”, como ainda nos dias de hoje optam denominar os artistas populares, utilizando madeiras leves, tal como umburana, pinho, cedro, cajá.

Na xilogravura, a consistência, maior ou menor, da madeira permite modificações. Criam-se na madeira novos veios, outra trama. Fibras rudimentares vão constituindo lacunas e cortes abertos engaste pela goiva. Tais fibras nevrálgicas, mescladas ao branco do papel, integram com ele os ritmos das fibras amotinados, a discrepar com o filamento negro ou nuançado da impressão. Adaptada ao papel, a cor negra conquista valores especiais. A obscuridade e a coloração assinalam um abrasamento único, inexistente na natureza.

As xilogravuras são gravuras populares obtidas por ilustrações esculpidas em madeiras, muito propagada no Nordeste e reiteradamente associadas à Literatura de Cordel, em razão de a contar do final do Século XIX ocorre a utilização na manufatura das capas dos folhetos. Primeiramente, a xilogravura tinha utilização considerada “um pouco nobre”, como a produção de rótulos de garrafas de cachaça e demais produtos. Sua enorme popularidade procede do cordel.

O princípio da xilogravura nordestina até os dias atuais é desconhecida. Acredita-se que os missionários portugueses tenham ensinado sua técnica aos brasileiros, como uma atividade extra, catequese, partindo do princípio religioso que defende a necessidade de ocupar as mãos para que a mente não fique livre, de maus pensamentos, ao pecado.

A importância da literatura de cordel em sala de aula

Como se sabe é de suma importância o uso do cordel em sala de aula. A literatura de cordel na sala de aula pode ter objetivos gerais ou específicos, e o professor pode utilizar tanto do ponto de vista puramente cultural, quanto como ferramenta de ensino-aprendizagem.

Aqui estão alguns objetivos que podem vir a converter-se em metas a serem atingidas:

- Empregar a literatura de cordel como dispositivo de estímulo à leitura e à escrita;
- Motivar o uso da literatura de cordel como recurso didático acessível para argumentação de temas como: discriminação racial e de gênero, consciência ambiental, intolerância religiosa e combate à violência, etc.
- Mostrar as relações da música popular brasileira com a poesia popular;
- Apontar as diferenças entre repentista, cordelista e embolador;
- Estimular ao estudo da construção de versos com uso da métrica poética, como quadra, sextilha, setilha, quadrão, décima, etc;
- Reconhecimento da literatura de cordel como patrimônio histórico e cultural do povo nordestino e brasileiro;

Cabe ao professor definir suas metas e buscar informações e materiais que podem ser facilmente encontrados em livrarias, sebos, e casas especializadas como Casa do Cordel em Natal, Museu do Cordel em Caruarau/PE, Museu da Xilogravura (Bezerras/PE) ou nos vários sebos encontrados e qualquer cidade.

A literatura de cordel representa o dia a dia, a autenticidade e a cultura do povo

Northeriograndence, nordestino e brasileiro. Apesar de alguns críticos definirem como literatura morta ou algo que precisa ser resgatado, esse tipo de leitura precisa mesmo é ser incentivada nas escolas como um importante meio de motivação e conhecimento do folclore nordestino (EVARISTO, 2003).

A partir dos primeiros cordelistas como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde e Francisco das Chagas Batista, que o cordel encontra-se vivo e dinâmico. Desfrutou sua época áurea entre 1940 e 1960, entretanto nunca desvaneceu como literatura. No momento atual o Rio Grande do Norte tem nos oferecido nomes como Antonio Francisco, Bob Mota, João Gomes (Xexéu), José Acaci, Abaeté, Rosa Regis, Ézio Firmino e demais que, com persistência e inspiração, vêm preservando a chama da literatura de cordel continuamente acesa.

Ainda assim, a literatura de cordel só conseguirá ser revigorada como cultura de massa, a contar do momento em que as escolas passarem a incentivar a sua utilidade como recurso paradidático, ocasionando o interesse do discente pela leitura e pelo aprendizado dos processos de construção da poesia. Entusiasmar a literatura de cordel é plantar uma semente que um dia pode vir a ser uma árvore frondosa, e que certamente produzirá bons frutos, contudo para que isso aconteça precisa ser plantada com carinho e regada diariamente.

Sabendo dos desafios do ensino nos dias atuais e da importância de apresentar aos alunos as diversidades de gêneros textuais, a utilidade da Literatura de Cordel para os alunos dos anos finais do ensino fundamental é de suma importância para o seu aprendizado.

Um dos principais objetivos é evidenciar que o trabalho com o gênero textual “Cordel” é dinâmico e capaz de despertar a criatividade dos alunos incentivando-os na tarefa de ler, recitar e escrever folhetos. Levando em conta que a Literatura de Cordel agora integra as nossas tradições, anteriormente da chegada das mídias que nos transportou a um universo de inovações de atualidades, que nos encanta e faz com que esqueçamos de lado nossas próprias raízes culturais, a Literatura de Cordel é de extrema importância para recuperação de nossas origens culturais.

Ela dá destaque tanto à riqueza, quanto à vivacidade da nossa cultura. Em vista

disso, é uma forma de desadormecer o senso crítico, econômico, social, político e histórico dessa demonstração popular. Analisando desta forma, conduzir a Literatura de Cordel até à instituição escolar significa motivar o discente a conhecer mais do conhecimento cultural de nosso povo, visto que o Cordel em suas ideias não relata simplesmente ficção, entretanto, também fatos ocorridos que retratam o dia a dia e a realidade vivenciada por esses cordelistas.

Além disto, pode ser empregada como uma importante ferramenta no processo de estímulo à leitura com enfoque na oralidade, uma vez que são fáceis de memorizá-los. Tornando-se o Cordel uma das mais consideráveis formas da cultura nordestina, e nós como herdeiros dessa cultura não podíamos permitir que essa tradição desapareça.

Considerando que a Literatura de Cordel é um excelente gênero textual, uma vez que é dinâmico e com certeza irá proporcionar encantamento e comprometimento dos alunos, a escola deve abraçar e permitir acesso para esta experiência e aprendizado com a literatura popular em sua totalidade, é uma conquista e avanço de grande relevância.

A leitura oral pode representar de início uma dificuldade tanto para o professor quanto para os alunos. Entretanto, a Literatura de Cordel oportuniza a desenvoltura e o desenvolvimento da aprendizagem dessa modalidade devido ao seu padrão rítmico e da afliência da poesia popular com as ocorrências reais e por ser de uma linguagem próxima do dia a dia do aluno.

Literatura de cordel: recurso didático no ensino da língua portuguesa

No decorrer de décadas, a educação fornecida pelas instituições de ensino brasileiras concentrou-se, predominantemente, em ponto de vistas estritamente mecanicistas, tecnicistas e tradicionais (SANTOS, 2002). Desta forma, as rotinas pedagógicas permitiam preferência a utilização exclusiva dos livros didáticos. Eliminava-se, desse modo, uma sucessão de recursos pedagógicos e de múltiplas linguagens.

Consoante Albuquerque (2006) e Albuquerque *et al.* (2008), na década de 80, dá-se início uma série de pesquisas de diversos campos de investigação, nomeadamente, Ciências da Educação - Pedagogia, Ciências da Linguagem - Linguística, Ciências

Psicológicas - Psicologia, Psicologia Cognitiva e Psicolinguística, estudo da Filosofia e da Sociologia. Havendo como panorama esse enquadramento paradigmático, desponta uma nova idealização de ensino sociointeracionista, que evidencia por um novo ponto de vista de aprendizagem, visando, especialmente, na produção de sentido e elaboração de significado/significação (KOCH & ELIAS, 2006).

Evidencia-se, especialmente, pelo motivo de surgir uma série de modificações didáticas nos processos de ensino/aprendizagem, procurando, desse modo, romper com rotinas tradicionais de escolarização, em concordância com Albuquerque (2006). Uma dessas modificações diz respeito a introdução de múltiplas linguagens no desenvolvimento do ensinamento e da construção da aprendizagem. Em outras palavras, novos mecanismos didáticos e novas estruturas de textos, que subsidiam as práticas pedagógicas contemporâneas e personalizadas. É nessa circunstância que se fala em Linguagens Intercaladas.

Tal concepção construída por Gomes & Nascimento Neto (2009) relaciona-se às múltiplas formas de apresentar um conteúdo, a partir de distintas estruturas textuais, da forma que, por exemplo, Charges, Cinema, Histórias em Quadrinhos - HQs, Jogos, Jornais, Redes Sociais - Face book, MSN, Orkut, E-mail, fórum, etc., Revistas, Tirinhas etc. (GOMES & NASCIMENTO NETO, 2009). No meio de outros, ressalta-se, nesta escrita, a Literatura de Cordel, interpelando suas contribuições para novas determinações didáticas e pedagógicas, interferindo com as normas tradicionais, em direção as atuais configurações de construção social do conhecimento.

A Literatura de Cordel deve ser determinada enquanto uma poesia de caráter, e objeto popular, que inicialmente era executada simplesmente por intermédio da linguagem oral. Entretanto, depois de alguns anos, ela passou a ser executada no formato escrito, por meio da linguagem escrita e da tipografia, arte de imprimir em folhetos (FONSÊCA & FONSÊCA, 2008).

Uma das características marcantes acerca desse tipo de literatura fala relativamente aos seus versos escritos a começar da utilização de rimas e, em algumas ocasiões, com ilustrações, que são atualmente chamadas de xilogravuras (FONSÊCA & FONSÊCA, 2008).

De maneira oposta do que muitos imaginam, a Literatura de Cordel não é uma criação/ produção desassociada da realidade e dos padrões sociais. De outra maneira, esse tipo de literatura não se restringe somente a histórias fictícias e ou alheia da realidade envolvente.

Longe disso, por interferência dos seus versos e da sua linguagem simples e forte, a Literatura de Cordel retrata acerca de distintas temáticas de caráter social, integrando a cultura material e imaterial da natureza humana. Dessa forma, ela leva para instituição escolar temas de interesse público e extremamente relevantes para a formação dos estudantes brasileiros (BENTES, 2004).

É nessa circunstância que a Literatura de Cordel transporta para o universo escolar atuais perspectivas de caráter metodológico relacionadas à leitura e à multiplicidades temáticas-textuais. Em outras palavras, essa literatura proporciona um trabalho inovador, dedicando-se a questão da leitura num ponto de vista de ampliação da perspectiva de mundo, de conscientização, de reflexão e de análise crítica.

Simultaneamente, promove a implantação da diversidade textual e a ideia de temáticas no âmbito educacional. Em vista disso, a Literatura de Cordel favorece novas didáticas e iniciativas pedagógicas para o processo de educação, a partir da introdução de múltiplas linguagens nos desenvolvimentos de ensino/aprendizagem. De modo consequente, produz novos caminhos e horizontes para a construção do saber do estudante.

Os encantos da literatura de cordel

Os folhetos da Literatura de Cordel, com suas diversas temáticas encantadoras e considerada uma riquíssima e sugestiva expressão literária de cunho popular, que encantou e prosperou na fértil gleba do nordeste brasileiro, influenciada na literatura francesa Colportage, nos romances e pliegos sueltos ibéricos e na exclusiva literatura de cordel portuguesa, a nossa literatura de folhetos ou de cordel, nasceu e desenvolveu-se no nordeste brasileiro, cantando as sagas e a sabedoria de um povo forte e sofrido, sertanejo.

Nos dias de hoje, esta manifestação de caráter popular pode ser encontrada em variados pontos do país, continuamente incentivada pelo povo de origem nordestina. O inaugural folheto de que se tem informação foi publicado no Estado da Paraíba por Leandro Gomes de Barros, em 1893, comenta-se que demais poetas tenham publicado primeiramente, como Silvino Pirauá de Lima, contudo, a literatura de cordel começou

mesmo a se democratizar no início deste século. As inaugurações tipográficas se encontravam no Recife, em seguida surgiram outras na Paraíba, na Capital e em Guarabira. João Melchíades Ferreira da Silva, de Bananeiras, foi um dos primeiros poetas populares a publicar na tipografia popular Editor, na capital da Paraíba, João Pessoa.

Contraditando o espartano do alto nível de analfabetismo, a disseminação da Literatura de Cordel no Nordeste se realizou mais pelo esforço pessoal dos poetas cordelistas, afastado dos grupos culturais acadêmicos, narrando suas histórias nas feiras e praças, diversas vezes acompanhados de músicas. Os folhetos eram mostrados em barbantes, ou amontoados no chão, causando a atenção do matuto que se habituou a ouvir os temas da literatura popular de cordel em suas visitas às feiras, verdadeiras diversões para o povo do sertão, em que podiam, mais do que fazer compras e vender produtos, distrair-se e se inteirar dos assuntos políticos, econômicos e sociais.

É possível se falar em Literatura de Cordel como um coletivo de autores, obras e público. O poeta cordelista, na maior parte das vezes eram de origem humilde e oriundo do meio rural, migrava para as capitais dos grandes centros urbanos nos quais passavam a gerar seu sustento da venda dos folhetos, alcançando, em algumas ocasiões, a atribuição de tipógrafo e editor.

Nesta circunstância, ele transformava-se num verdadeiro intermediador dos princípios das classes populares nordestinas, uma vez que compartilhava da mesma ideologia e valores culturais de seu público. Os folhetos, produzidos em sua maior parte no tamanho 15 a 17cm x 11cm e, em via de regra, impresso em papel de má qualidade, possuíam suas capas ilustradas com xilogravuras na década de 20, em permutação as vinhetas. Logo depois, nos anos 30 a 50, apareceram as capas com fotografias de estrelas de cinema norte-americano. Na atualidade ainda mantém-se o mesmo padrão, no entanto, são vistos outros maiores. No que se refere à impressão, substituindo a tipografia do passado, atualmente são usadas as fotocópias.

As temáticas da Literatura de Cordel são bastantes pesquisadas por folcloristas, sociólogos e antropólogos que perfazem a apresentar conclusões controversas e algumas vezes discordantes quanto a sua classificação. Minúcias a parte, quanto as diversas

propostas, os folhetos se classificam entre as questões descritivas e as narrativas. O primeiro grupo é onde estão inseridos os folhetos de conselhos, eras, corrupção, profecias e de argumentação, que possuem uma certa afinidade em si, uma vez que, englobam uma mensagem moralista constantemente associada aos princípios morais e a uma sabedoria sertaneja.

Neste contexto ampliam-se as histórias que trazem como cenário a vida dura e castigada do campo cheia de sofrimentos, entretanto alheia aos desmantelos do universo moderno e urbano. Da mesma forma se introduzem nos folhetos narrativos as pelejas entre cantadores e poetas, as individualidades dos indivíduos da cidade do meio social e político (na maioria das vezes encomendadas pelos próprios políticos em períodos eleitorais), as temáticas de louvação ou crítica, os devotos contando preconceitos e, ou dádivas católicas, as biografias ou prodígios dos santos e de notoriedades como Padre Cícero e Frei Damião. Existe ainda os de gozações de episódios reais e imaginários, de destemor e valentia como as proezas de Lampião, Antonio Silvino e Pedro Malasarte, assim por diante, em que a literatura popular convertem bandidos em heróis.

As peculiaridades gráficas e temáticas dos folhetos conseguem variar em conformidade com o deslocamento do campo de atuação do poeta que diversas vezes defronta-se com um público de ponto de vista e comportamento distinto do matuto nordestino. Ao articular sobre literatura de cordel no Nordeste não se deve esquecer de Antonio Gonçalves da Silva, denominado como Patativa do Assaré, foi um poeta e repentista brasileiro, um dos notáveis nomes representativos da arte popular nordestina do século XX. Seus livros, traduzidos em vários idiomas, foram temas de estudos, na cadeira de Literatura Popular Universal.

Patativa do Assaré, era homem letrado. No impediente de ter habitado ou melhor, frequentado a escola por tão-somente quatro meses, possuía gosto pela leitura e lia grandes e notórios nomes da língua portuguesa como Camões, Castros Alves, Gonçalves Dias, Coelho Neto, Olavo Bilac, entre outros. Sua proeminência em todo Brasil deu-se início na década de 50, a contar da regravação de “Triste Partida”, modinha de repente gravada por Luís Gonzaga. Suas inspirações poética serviu tributária a denunciar injustiças sociais,

divulgando sempre a consciência e a obstinação do povo nordestino que subsiste e dá sinais de bravura ao sobreviver às condições climáticas, sociais e políticas desfavoráveis.

A essa ocorrência se menciona à estrofe da música Cabra da Peste.

“Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que alinda cabocla
De riso na boca zomba no sofrê
Não nego meu sangue, não nego meu nome.
Olho para a fome, pergunto: que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da Peste, sou do Ceará.

LÍNGUA VIVA POR INTERMÉDIO DA LITERATURA DE CORDEL

Para se falar sobre a literatura de cordel como língua viva, o que se pode ressaltar é que nós nos comunicamos através de enunciados concretos que são elos na infinita cadeia de comunicação humana, ou seja, produzimos enunciados diariamente para as inúmeras situações que encontramos em nosso cotidiano. Tais enunciados possuem características relativamente estáveis, que Bakhtin (2006) denomina gêneros discursivos, como já abordado no capítulo anterior.

Quando o gênero adentrou a sala de aula como prática pedagógica do ensino de língua portuguesa se instaurou a tentativa de aproximação do contexto extraescolar ao escolar, em detrimento do uso que se fazia do texto (exclusivo para exercícios gramaticais, os quais eram realizados de forma descontextualizada em relação à realidade do aluno).

A vista disso, Geraldi (2010) afirma que quando se tenta aproximar o ensino do mundo cotidiano tem-se um distanciamento dos gêneros literários no ensino, pois, diante da diversificação dos gêneros, são privilegiados outros como os textos pragmáticos ou referenciais, haja vista que “a leitura e a produção de textos supostamente pragmáticos são preferidos e considerados mais apropriados para o desenvolvimento da capacidade de expressão escrita dos estudantes” (Ibidem, p. 65).

Ainda assim, em conformidade Geraldi (2010), a convivência com o texto literário é um caminho fundamental a ser percorrido, visto que é também por intermédio dele que é possível desenvolver a capacidade de expressão do estudante, não apenas na escrita do texto literário, mas, por exemplo, em textos argumentativos.

Seguindo essa via, podemos destacar as palavras de Cândido (1999, p.84) acerca da literatura e sua possibilidade de formação, que (diferentemente dos outros textos) está “[...] longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, com altos e baixos, luzes e sombras [...] a literatura, como na vida, ensina na medida em que atua com toda sua gama”.

Nesta perspectiva, podemos dizer que, no ensino, a literatura desestabiliza o “fixo”,

pois leva a palavra em sentido ao que se vivencia fora da escola, a vida e as relações dialógicas que são intrínsecas a ela. Assim como afirma Cândido (1999), a literatura humaniza o sujeito não apenas através da luz, mas também pelas sombras, isto é, a literatura conduz o ser humano ao que realmente somos, sem máscaras, haja vista que a palavra literária é indissociável de nós seres humanos.

Literatura de cordel, distintas maneiras de explicar o universo

Com muita propriedade Cândido (1999) destaca que a Literatura de Cordel é intrínseca a nós seres humanos, desde os textos mais simples (considerados gêneros primários) até os textos mais complexo (gêneros secundários), refletindo e refratando tanto o indivíduo quanto o contexto no qual está inserido, pois ressaltando as palavras do teórico “a fantasia nunca é pura”. É também devido a isso que surge a necessidade de estudar Literatura de Cordel em âmbito escolar.

No que se refere a essa temática, Petrilli (2013), também declara que a Literatura de Cordel é um importante intermediário nos processos educativos, de maneira que não há necessidade da evocação demasiada das tecnologias avançadas (embora sejam necessárias ao ensino), já que a literatura, em toda a sua potencialidade, provoca o encontro entre palavra própria e demais palavras.

Um intermediário importante nos processos educativos, a partir da infância até os níveis mais elevados de formação profissional e de especialidades, é a palavra literária, a palavra dos gêneros de ficções, inexpressivamente gêneros “baixos” ou “altos”. De fato, é a palavra literária que experimenta e pode ressaltar e desenvolver as potencialidades da palavra, mostrando-se em toda a sua forma (espessura, grandeza) dialógica, em toda a sua capacidade de interação pessoal, em toda a sua disponibilidade de encontro entre palavra própria e palavra do outro, em toda a sua capacidade de escuta, de recepção, de hospitalidade da palavra do outro. Escuta, recepção, hospitalidade que, na situação atual da comunicação globalizada, são as condições necessárias para a melhora da qualidade de vida (mas, dadas também as atuais possibilidades tecnológicas da vida no planeta), que é diretamente proporcional ao melhoramento das relações e da convivência com os outros, que já não são somente os nossos vizinhos mais próximos, mas também os vizinhos distantes. (PETRILLI, 2013, p.167-168)

Para ambos os teóricos, a literatura está indissociavelmente ligada ao ser humano e nós precisamos dela em todos os momentos de nossas vidas, desde os primeiros momentos até os últimos. Eles, Petrilli (2013) e Ponzio (2010), também destacam que a

palavra literária, diferentemente da palavra cotidiana, nos oferece a possibilidade única de compreender os dizeres dos outros em nossos dizeres, ou seja, apenas ela nos possibilita a compreensão da estrutura dialógica da palavra.

A literatura como *medium* importante no processo de ensino e aprendizagem implica considerar as relações dialógicas em diferentes espaços culturais e sociais, acarretando não apenas uma interação harmônica, mas também uma relação de enfrentamento. A analogia da cultura não se reduz ao simples equilíbrio, contudo se parece mais com uma enérgica roda de conversa em que intervêm distintas vozes (PONZIO, 2012, p.51).

Esse enfrentamento proporcionado pela palavra literária propõe uma educação também relacionada à escuta de outras vozes, conseqüentemente, relaciona-se à compreensão, de maneira não superficial e monótona, da palavra dialógica, por esse motivo, “é precisamente a palavra literária mais do que qualquer demais que melhor sabe consolidar e posicionar em ação o início colóquio da palavra e da alma humana” (PETRILLI, 2013, p. 85).

Essa complexidade da palavra na vida pode ser vista de forma plena na literatura, pois;

A palavra literária sai do contexto limitado da orientação predominantemente monológica, segundo a qual é empregada em relação ao seu objeto, à sua função e aos fins restritos dos indivíduos que a empregam. A palavra literária entra, no entanto, no contexto do discurso que a configura, na complexa interação verbal com o autor que a reporta, a objetiva, na forma do discurso indireto, direto, indireto livre e nas suas variantes. Por isso, a complexidade do diálogo da palavra viva pode ser melhor estudada na configuração literária da palavra e na sua dialogização interna. E este conhecimento compete quando a busca não simplesmente se direciona à palavra reduzida à frase, à partícula morta da língua, mas à enunciação, à partícula ativa do discurso, é a busca da palavra outra, não sujeitada, não funcional, não servil, da palavra na liberdade. (PONZIO, 2010, p.61-62)

A palavra literária no ensino, compreendida nessa perspectiva dialógica, é essencial para a formação de cada sujeito, uma vez que sensibiliza o aluno para questões relacionadas à vida e conseqüentemente para a cidadania. Os PCN's reconhecem que em determinados momentos essa questão é omitida pela escola. O documento ainda afirma que o ciclo II do ensino fundamental é uma etapa de grande importância para o sujeito, uma vez que é um momento de transformação, de modo que “implica maior autonomia nas tomadas de decisão

e no desempenho de suas atividades” (BRASIL, 1998, p.46). Pensando bakhtinianamente, mais autonomia nas decisões da vida acarreta não ter um álibi (Bakhtin, 2012).

Assim, um ensino que compreende as necessidades do ser humano frente à sociedade contemporânea não pode utilizar a literatura apenas como pressuposto para exercícios gramaticais ou de compreensão textual, mas, acima de tudo, a literatura tem que ser concebida em sua totalidade, unicidade.

Literatura de Cordel: perspectivas, modos de olhar, ver e dizer.

Apesar de muitos pesquisadores terem afirmado o desaparecimento da literatura de cordel brasileira, em consequência da evolução dos sistemas de comunicação, constata-se que esta literatura vem se adaptando a todas as mudanças. Atualmente a literatura de cordel é apontada como um dos componentes de maior acessibilidades dos meios populares.

Luiz Beltrão, já nos anos 1960, definiu esse fenômeno como parte do folkcomunicação, isto é, sistemas de comunicação por meio dos fenômenos folclóricos. Em suma, do povo para o povo. (*apud* LUYTEN, p. 8) Quanto às temáticas e gêneros da literatura de cordel, é legítimo encontrar as pelejas, os romances históricos, casos de aventuras e as histórias de amor (EVARISTO, 2003 *apud* MEYER, 1980), além do mais as narrativas de acontecimentos sensacionais e contemporâneos. (EVARISTO, 2003 *apud* CASCUDO, 1984).

Em conformidade com o número de páginas, os textos são catalogados em: romance (24, 32,48 ou 64), folheto (8, 16 ou 4) e folha volante ou avulsa. As origens das histórias relatadas nos folhetos podem ser da imaginação do autor, do folclore ou dos poetas que as metrificam. Percebe-se que existe uma repetição constante de estabelecida combinação: um herói, que depois de muitos obstáculos e sofrimentos, sempre terá uma retribuição e um final feliz.

(EVARISTO. 2003 *apud* PROENÇA, 1986). Nos romances de cordel constata-se a mesma organização cíclica. Como no caso dos romances de José Camelo de Melo Resende, Côco Verde Melancia e O pavão misterioso, com 32 páginas. Com: 1. Uma situação inicial de estabilidade; 2. A degradação da situação; 3. A constatação da estabilidade; 4. A investida de resgate da estabilidade da situação inicial; 5. A volta da estabilidade inicial. Constata-

se grande presença religiosa na temática desta literatura, explícita ou implicitamente. Às vezes conservadores em relação a alguns hábitos e costumes, sobretudo, relacionados aos deveres femininos, ao casamento, à moda etc.

Pra falar da natureza primeiro peço permissão
Peço luz em meu caminho e a Jesus peço perdão
Espero a caridade eterna e também a salvação
(A natureza, José Severino Cristovão).
Tem moça que anda na rua com o vestido decotado que quando senta-se no ônibus
Fica o homem envergonhado
Porque vê os seios dela...
Pelas costas vê-se ela
Parecendo um boi pelado!
(CAVALCANTE, 1978 *apud* EVARISTO, 2003).

Logo que se vê um acróstico, usualmente no final do poema, com as iniciais do nome do autor, é legítimo deduzir-se da necessidade de assegurar o direito à autoria. Entretanto, anteriormente não se tinha esta compreensão, o que era mais relevante era o nome do editor, aquele indivíduo que distribuía e vendia os folhetos. (LUYTEN, 2005, p. 60).

Literatura de cordel: distintas maneiras de fascinar

Desde o final do século XIX a literatura de cordel foi produzida por homens e mulheres com pouca ou quase nenhuma escolaridade, mas que se envolveram intensamente no mundo das letras sendo autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas. O sucesso dos folhetos deve-se a vários fatores e um deles é sem dúvida a sua intensa relação com a oralidade.

A transferência da oralidade para a escrita também processou-se neste gênero, inicialmente aos poetas de poesias líricas (rapsodos) não havia a necessidade de contornar a arte poética à teoria a que ela se propõe posteriormente, descreve Silva: Os primeiros repentistas não tinham muito compromisso com a gramática, com a métrica, com a rima e muito menos com o número dos versos para compor as estrofes. Alguns versos ampliavam-se muito, demais, eram desmedidamente curtos (SILVA, 2011, p. 35).

Independentemente de muitos cordelistas não possuírem instrução e não terem

frequentado regularmente uma escola, eles eram artistas e, desse modo, não desistiam de pesquisar as narrativas e as poesias, averiguando, examinando com cuidado e apoderando-se da arte do cordel. Sem dúvida, o caminho que percorreram resultou em um conhecimento sistemático e elaborado, de modo a atender a sociedade ávida por informações, ainda quando são contadas com a beleza dos quais sabem narrar com arte, da mesma forma que os repentistas em suas pelepas orais e os cordelistas com suas brilhantes poesias. Instruíam-se em casa com os livros que possuíam em suas pequenas bibliotecas, suficientes para a sua produção. (HAURÉLIO, 2010, p. 24).

“Não importa o texto, quer seja ele em verso, quer seja em prosa, é necessário ter beleza, elegância, harmonia e comprometimento com a linguística e com a trama (enredo).” (SILVA, 2011, p. 64), o poeta trabalha com esmero na execução de seu trabalho, artistas como Leandro Gomes de Barros, Silvino Piruá de Lima e João Galdino da Silva são extremamente exigentes na construção de suas poesias, seja em relação às estrofes, ao número de versos por estrofe, à métrica, ao ritmo, à rima: “esses poetas passaram a dominar com aptidão a rima, adequando, além disso, a estrutura da estrofe, o verso revel”.

Segundo Silva (2011, p.115), mesmo que o repentista, se apresente ao vivo ao som da viola, não se escusa o requinte da arte. Portanto, cada autor deve conhecer as regras antes de executá-las, seja em qualquer modalidade, cumprir com esmero para não incorrer em vexames desagradáveis, no cordel ou no repente, o que for programado deve predominar sem evadir-se da temática e sempre obedecer às regras incontestáveis, não se consentindo desvio de atuação do poeta. “Abecês” e desafios, tornam-se duas construções de folhetos que provocam a atenção pela sua apresentação, a primeira pelo caso de cada sílaba iniciar com uma letra do alfabeto com o propósito implícito de abordar um assunto por completo. Da mesma forma do “abecê” de Paulo Nunes Batista – poeta de origem nordestina, que migrou para Anápolis, Goiás, um dos consagrados abecedistas do país:

O dentista em ABC Abrindo a boca dos pacientes, no mundo onde impera a dor de dentes, o tiradentes, dentista restaurador – restaura, trata, obtura: da boca, da dentadura é o “nosso mestre”, o doutor. Boca – daí inicia tudo, uma vez que, sem boca, ninguém come, e, sem alimentar-se, não se vive porque se desfalece e morre de fome. Da boca – o médico-artista é o nosso amigo, o dentista, de quem sempre louvo o nome! (BATISTA, *apud* LUYTEN, 2005, p. 50).

O “desafio” ou “peleja”, constitui-se do conflito poético entre dois cantadores. Cantoria na qual os poetas buscam dificultar o trabalho do outro, modificando o tema ou estrutura poética, além do mais o adversário tem a obrigação de continuar com a rima final do verso do outro: a “deixa”. Implementa-se na parte oral da poesia popular, mas existem também desafios escritos, autênticas e inocentes invenções ou recriações dos transmitidos oralmente. Da forma que a “Peleja de Antônio Correia junto com Manoel Camilo Santos”, de autoria do último mencionado:

Manoel Camilo: Correia pergunto a si qual o significado de você chegar aqui pra cantar sem ser chamado porque se veio a propósito lhe digo, veio enganado. Correia: É porque fui informado que você disse outro dia que todo mundo lhe teme na arte da poesia vim lhe provar que não temo a ninguém na cantoria. SANTOS, *apud* LUYTEN, 2005, p. 52)

E assim a luta começa, até que um dos dois desista. O tema pode ser de sugestão de um dos poetas ou por uma pessoa presente ao debate. É considerável saber que existem várias formas de ordenar os versos de cordel e que qualquer uma delas tem uma maneira especial de ser cantada. A possibilidade musical deve estar presente mesmo que o poema seja apenas para ser declamado.

Literatura de cordel como arte presente em todas as culturas

Em conformidade com Ponzio (2010), sustentado em Bakhtin/Volochínov, a literatura é, por índole, uma arena de luta, executada por intermédio da palavra, em que a visão de universo oficial e a não-oficial se questionam reciprocamente. Isso porque a palavra não é neutra. Como afirma o Círculo de Bakhtin todo signo é ideológico, uma vez que indica um ponto de vista acerca de determinado objeto/assunto.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2012) nos faz ver que não há álibi no existir, ou seja, não há escapatórias, pois ocupamos um lugar único e singular. Esse “não-álibi no existir” também nos coloca em relação ao outro e toda interação entre mim e o outro pressupõe um ato responsável, haja vista que minha resposta é um ato responsivo; meu enunciado responde à palavra do outro, admitindo que é necessário se posicionar sobre o assunto em questão.

Caminho tal que é trilhado inclusivamente pela palavra literária, que enquanto arena de conflito ideológica, provoca uma contrapalavra mais crítica em relação ao contexto em que está inserida.

Articular com austeridade, assumir a postura, facetar, parodiar: isso tudo impossibilita de serem enredados na diretriz do discurso, e nas atribuições, nos estilos, nas ocorrências comunicativas estabelecidas por ele, escritor. A palavra literária trapaceia, engana o discurso da identidade, da diferença, das atribuições. Esta “trapaçaria” a língua (Barthes), este jogo, que defrauda, com os signos, é o sarcasmo dos autos literário, que Bakhtin conceitua forma do calar, uma forma de calar o discurso dominante, de defender-se do seu ruído ensurdecido (PONZIO, 2010, p. 69).

A literatura é capaz de jogar, nas palavras de Ponzio trapacear, com a língua da forma que nenhum outro texto, exceto o literário, faz. E é neste âmbito do calar o discurso não dominante que a literatura de cordel está inserida, uma vez que fomenta a criticidade do sujeito no contexto no qual está introduzido.

Retomando a teoria de cunho bakhtiniano sobre enunciado, temos a afirmação de que nenhum enunciado nasceu do vazio, de modo que qualquer discurso dialoga com outros já produzidos. O mesmo ocorre com a presente dissertação. Para realização desta pesquisa foi lido projetos realizados por outros pesquisadores sobre o assunto.

Nas linhas deste trabalho, retomo como base teórica os textos “O cordel em sala de aula”, de Marcela Cristina Evaristo, “Gênero poéticos da tradição oral”, de Simone de Jesus Padilha, “O cordel no cotidiano escolar”, de Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, “A literatura de cordel como recurso didático na orientação de usuários em uma biblioteca universitária”, de Raimundo Muniz Oliveira, “Os PCN e as potencialidades didático-pedagógicas do cordel”, de Stélio Torquato Lima e a dissertação “Literatura de cordel: letra, imagem e corpo em diálogo”, de Irene Gloe Diziolli, que em maior ou menor grau possibilitaram um caminhar apoiado na literatura cordelista.

No entanto, diante da extensão territorial de nosso país e das pesquisas realizadas em diversas universidades tanto na área da Educação quanto da Linguística seria inviável abranger aqui todas as pesquisas que contribuíram para o desenvolvimento de atividades pedagógicas.

Uma breve pesquisa no banco de teses da Capes ou de algumas universidades brasileiras é possível notar a extensa pesquisa já realizada com o cordel. Tais textos indicam a produtividade pedagógica em qualquer disciplina curricular do ensino básico e até mesmo do ensino superior.

Vendo da perspectiva bakhtiniano é notável que estes estudos sofrem um caimento em relação aos números. Todavia, como os próprios textos utilizados aqui (e outros disponíveis) indicam quão reflexiva pode ser a prática pedagógica focada no cordel, tanto ao professor quanto para os alunos, visto que o cordel proporciona um olhar sobre o outro que sequer todo texto literário canônico é capaz de realizar.

Sobre essa pesquisa, pode-se afirmar que seu diferencial está no fato de ter sido realizada principalmente no segundo ciclo do ensino fundamental, o qual a literatura não é priorizada ou é utilizada como pretexto para outras atividades. Também, pode-se considerar o contexto no qual foi realizada, uma vez que corresponde a uma área geográfica onde tal literatura não é tão conhecida e ainda assim apontou para a fertilidade reflexiva que o cordel causa.

POESIAS, POETAS E ESCRITORES DE MANIFESTAÇÕES POPULARES

A poesia logo na Segunda Geração do Modernismo mostrou à Literatura nomes de personalidades como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Mario Quintana e Murilo Mendes. Como é sabido, além desses mencionados acima, no Brasil há outros escritores que demonstram as expressões populares e que caracterizam nossa cultura de uma maneira bem especial.

A Semana de Arte Moderna, produzida em São Paulo no ano de 1922, deu-se um ponto de viragem para a Literatura brasileira. Foram apresentados, entre outros representativos dos diversos âmbitos da arte, alguns dos protagonistas da Literatura modernista que romperiam definitivamente com o protótipo literário em vigor. Notoriedades como Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade enalteceram o Brasil na página literária e usaram à exaustão jogos autóctones e antropofágicos.

Em seu segundo ciclo, dentre os anos de 1930 a 1945, a poesia modernista amplificou seus pontos de vistas temáticos e estabeleceu-se por mérito dos heroísmos de seus pioneiros. O segundo porvindouro foi marcado pelo enriquecimento e pela ruptura com o ciclo polêmico de suas inaugurais manifestações. A poesia manteve-se aderindo ao verso livre, ainda assim resgatou além disso, formas como o soneto ou o madrigal sem que isso se tornasse absolutamente uma retornança às estéticas do passado, em tal intensidade questionadas pelos poetas que receberam proeminência na Semana de Arte Moderna.

A poesia encontrava-se em sintonia com as distintas manifestações artísticas e com demais contextos culturais e, por essa razão, é provável encontrar intervenções do Surrealismo e além disso da psicanálise, que dilataram o âmbito de investigações poéticas. Somos capazes de observar essa peculiaridade nos versos do poema “O Pastor Pianista”, de Murilo Mendes:

O Pastor Pianista
Soltaram os pianos na planície deserta
Onde as sombras dos pássaros vêm beber.
Eu sou o pastor pianista,

Vejo ao longe com alegria meus pianos
Recortarem os vultos monumentais
Contra a lua.
Acompanhado pelas rosas migradoras
Apascento os pianos: gritam
E transmitem o antigo clamor do homem
Que reclamando a contemplação,
Sonha e provoca a harmonia,
Trabalha mesmo à força,
E pelo vento nas folhagens,
Pelos planetas, pelo andar das mulheres,
Pelo amor e seus contrastes,
Comunica-se com os deuses.

Murilo Mendes

Literatura de Cordel: distintas inspirações

São diversas as ações da Literatura de Cordel em todos os campos da comunicação. Adequando-se como fonte de conhecimento e confirmação sobre os mais diversificados assuntos, entre eles notícias, divulgação políticas, prevenção de doenças e esclarecimentos gerais, o cordel tem se tornado também mecanismo de manifestação cultural e até mesmo ferramenta de alfabetização, já tendo sido inclusive batizado de “professor folheto”.

Dentre as peculiaridades comunicativas de caráter popular, a poesia preenche benemérito lugar de destaque. Entre os meios de expressão cultural do povo, a poesia popular impressa, mais conhecida como literatura de cordel, destaca-se de maneira significativa. Com ascendência na Europa, mais exclusivamente na era medieval, obteve esta denominação pelo motivo de ficar exibida em barbantes nas feiras, no decorrer da comercialização.

Apesar de oriunda da Europa, foi no Sertão do Nordeste brasileiro que essa literatura tornou-se referência. Sucedeu o primeiro jornal do sertanejo, antecipadamente que este possuísse acesso à rádio, à TV e ao jornal devidamente aludido. Leandro Gomes de Barros, um dos precursores do cordel e apontado como inaugural poeta que o editou, imprimiu e comercializou, ocupou-se da função de repórter do povo e em seus trabalhos

e ações é possível observar o quanto coube a ele a função de crítico social e formador de opinião.

No decorrer de vários anos ele tem se tornado responsável pela alfabetização de milhares de nordestinos. Mais do que auxiliar na alfabetização, a literatura de cordel viabiliza um incitação à imaginação, uma vez que eram habituais as leituras coletivas, o que permitia que os participantes pudessem visualizar a história e se sentir parte dela, colocando-se no lugar dos personagens e sentindo a emoção na declamação de cada verso.

Faz-se extensa a cooperação da Literatura de Cordel para a população nordestina, tendo que ser reconhecida como um considerável meio de comunicação de legião. O tema diversificado é um dos principais atrativos, ademais do estilo popular, constituído de termos usufruídos no dia a dia, que aproximam além disso o povo desta abundante literatura. Por constituir-se popular, o cordel discorre dos assuntos que referem-se ao povo. No momento em que o realiza, estende-se aos assuntos e pessoas sob a perspectiva popular.

Os conteúdos vão a contar dos romances tradicionais oriundos da Idade Média até temáticas históricas brasileiras, abordando da mesma forma a religiosidade, devoções, o misticismo, a vida do campo, crimes, desastres e ocorrências contemporâneas. Além disso, a literatura de cordel aborda também temas engraçados, envolvendo a cachaça, a malandragem, a mentira e personagens para os quais já se criou certo estereótipo, como a sogra, a título de exemplo, constantemente é vista como vilã e das quais histórias são focadas para o tom cômico.

No tempo atual existe quem empenha-se pela sobrevivência do cordel em face da modernização dos mecanismos de comunicação. Todavia, ele não apenas sobrevive, mas vive e subsiste bem.

Evidente que por toda extensão desse tempo e com tantas modificações sociais ele vem desistindo de ser escrito por poetas populares sertanejos e analfabetos e passando a ser produzido por estudantes, universitários e pessoas interessadas em divulgar essa cultura ou em usá-la para fins estritamente comerciais.

Se inicialmente ele foi escrito e lido pelas classes mais populares, atualmente,

entretanto ainda que usemos o vocábulo “popular” para determiná-lo, podemos acreditar que o cordel conquistou os centros urbanos, as instituições culturais e educacionais, as livrarias e os centros universitários. Ele despiu-se um pouco da veste “povão” para dar lugar a algo mais elitizado, o que na gastronomia seria denominado como “prato gourmet”.

Literatura de Cordel: trabalhando o silogismo crítico

A intercomunicação dos folhetos se espelha em sua razoabilidade a pedido do público leitor/ouvinte dos poemas. Classificado como o Jornal do Nordeste, especialmente, quando não existia até esse momento rádio ou televisão, o cordel no percurso de muito tempo foi considerado como a crônica das classes populares, estabelecendo vinculação entre a realidade dos acontecimentos e o público ávido por informações.

O folheto de cordel tornava-se um veículo de conhecimento e entretenimento. Os acontecimentos relevantes da comunidade circunvizinha, na maior parte dos casos, os cordelistas as registravam em configuração de história em verso. Foi, em vista disso, o cordel um meio de comunicabilidade significativa. “Os próprios cordéis que contavam histórias enigmáticas e sobrenaturais, não fundamentadas em acontecimentos concretos” (XAVIER, 2002, p. 21).

Alguns autores, como Curran, acreditam que entre os principais componentes que definem o cordel, está o fato de ele ser uma crônica, em rima e verso, da sociedade brasileira, de um modo geral, e nordestina em particular. Para este autor:

O cordel da maneira anais poética e memória popular, é a narração em verso do “poeta da gente”, no seu ensejo, o “jornal do povo”. Trata-se de crônica popular que expressa a cosmovisão das massas de origem nordestina e as raízes do Nordeste na linguagem do povo. É crônica popular porque descreve os eventos que fizeram a história a partir de um ponto de vista popular. Seus poetas são da gente e o manifestam em seus versos. (CURRAN, 1998, p. 20).

Dessa forma, os cordéis estabelecem-se em um produto social em que o poeta popular distingue e interpreta componentes de seu texto, respaldando-se na realidade na qual encontra-se inserido, retirando informações incluídas em livros, jornais, rádio ou televisão. No cordel, é realizado uma análise da veracidade histórico/social distinta do texto escrito convencionalmente, no qual o uso da rima e do verso disponibiliza uma tonalidade distinta.

“O poeta popular realiza aplicação destes recursos, rima e verso, por meio de uma linguagem própria e conveniente para falar do que compreende e do que sente” (GALVÃO, 2001, p. 80). García Canclini compreendia que um mesmo item poderia ser lido de diversas formas distintas, em conformidade com a formação socioeconômica, cultural e histórica do consumidor (GARCÍA CANCLINI, 1997, p. 142).

Deste modo o cordel foi tomando formas distintas indo do oral ao escrito como configuração de atingir o maior número provável de público, e, de modo consequente, consumidores. Variando os temas abordados, o cordel passou de produto destinado a um público pouco letrado que tinha acesso às informações contidas no folheto por meio da leitura e/ou declamação feita por uma pessoa letrada em forma de leitura coletiva, ou seja, um público restrito; a adentrar a várias camadas da sociedade, revelando, assim, seu caráter informativo.

O propósito claro e evidente dos autores é demonstrar que o cordel ampliou-se, adequando as transformações procedente do progresso. Entretanto, manteve sua essência quanto ao fazer e a forma de expressão do poeta. Portanto, sofreu o processo de hibridização, assimilando e adequando-se às novas formas de comunicação, em especial o advento da imprensa e da mídia.

Antecedente ao surgimento da cultura de massa, existia várias configurações culturais, a popular, em confrontação à erudita; a nacional, que intertecia a identidade de uma população; a cultura na percepção global, determinada como um aglomerado historial de valores estéticos e morais; e demais tantas culturas que elaboravam múltiplas identidades populares.

Essa ponderação social se dá uma vez que os episódios são registrados e disseminados para o homem do povo, exemplificando o quanto a literatura de cordel é significativo e persistente, visto que, como mecanismo de comunicação, ela é o seu jornal, é o seu rádio, é a sua televisão, em outras palavras, funciona como uma ferramenta que articula o homem com os acontecimentos do universo.

Em conformidade com Morin, a cultura de massa acompanha as diretrizes capitalistas e é designada a uma “aglomeração colossal de sujeitos absorvidos neste lado

e mais do que as estruturas intrínseca da sociedade.” Morin fortalece os artefatos massivos como cultura, advertindo os intelectuais por apreciarem a existência simplesmente da cultura culta, que ele julga ser dirigida pela qualidade, estética, concepção, espiritualidade e preciosismo e elaborada pelos intelectuais (MORIN, 1977, p. 17).

Literatura de Cordel: refletindo a realidade

A literatura de cordel reiteradamente teve como finalidade de sua produção, no meio de outras, a descrição de ocorrências sociais ou críticas aos desvios de caminhos da sociedade e seus estadistas. Refere-se a poesia popular escrita várias vezes em versos de sextilhas (estrofes de seis versos) ou então, septilhas (estrofes de sete versos) e a maior parte desses poetas líricos do povo é de personagens sertanejas, ignorantes, espontâneos, semialfabetizados e, com eficácia, a política tem se tornado uma fonte de inspiração para estes poetas populares em quaisquer de suas tonalidades.

Originário da cultura europeia, foi preliminarmente na região nordeste brasileiro que a literatura de cordel chegou a enflorar e se fortalecer (ALVES, 2001; LUYTEN, 2007; ASSIS; TENÓRIO; CALLEGARO, 2012), discorrendo de temáticas das mais diversificadas como as secas frequentes, a fome, os grupos de cangaceiros, a instituição da sociedade patriarcal, episódios de raptos de moças, superstição, crença, servindo, inclusivamente, como fonte de acesso à comunicação/informação para o povo do sertão nordestino (DIÉGUES JÚNIOR, 1973; ASSIS; TENÓRIO; CALLEGARO, 2012).

“Coisa alguma é excêntrica à literatura de cordel” (BRANDÃO, 1991, p. 05). De origem dos romanceiros da França assim como da Península Ibérica, a literatura de cordel obteve este nome pelo motivo de em Portugal os folhetos eram expostos para comercialização em barbantes ou “cordões” (ÂNGELO, 1996; PAGLIUCA *et al.*, 2007). Aqui no Brasil a via de acesso da literatura de cordel aconteceu pelo Nordeste: “[o Nordeste] mostrou ser solo abundante para ampliação dessa arte proveniente da aridez, desenvolvida na carência e que brota na adversidade” (VASQUEZ, 2008, p. 12 *apud* ASSIS; TENÓRIO; CALLEGARO, 2012, p. 11).

A Literatura de Cordel pertence ao romanesco popular do Nordeste e contou com sua origem nos romances lusitanos em versos, que manifestou-se em sua expressão oral, sendo mais tarde, transferidos para a escrita. Ocorreu exatamente nessa região, área de indivíduos com menor índice de letramento e de difícil acesso à imprensa, que o Cordel, esses contos narrados em versos impressos em papel simples e expostos num barbante, o famoso cordel, encontrou campo mais prolífero para se difundir (GALVÃO, 2001 *apud* ALVES, 2008, p. 104).

A literatura de cordel mostra-se como uma possibilidade de argumentação sobre o contexto social, religioso, político e até mesmo econômico. Uma diversidade de temáticas abordadas com base de numa linguagem poética e literária: “[...] não é simplesmente ao imaginário que os cordelistas atribuem seus versos. Dentre a tese informativa dos folhetos estão temas ligados à educação, política, história, problemas sociais e econômicos de ordem pública e assuntos associados à saúde e medicina preservativa” (ASSIS; TENÓRIO; CALLEGARO, 2012, p. 4).

E por intervenção deste convívio com a literatura de cordel há a possibilidade de meditar de maneira crítica sobre a realidade, perpetrando-nos perceber nossa posição no universo e dos distintos contextos sociais. Roberta Alves, destacando a função que a literatura de cordel pode ter no âmbito escolar afirma:

A Literatura de Cordel consegue sublimemente contribuir para uma educação focada para a realidade, uma vez que apresenta ao discente uma visão de universo, que é capaz de se aproximar ou não à sua, mas que ocasiona diversos questionamentos que podem levar o discente a meditar sobre a sua posição espiritual, social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que está inserido, dessa forma, de acordo com a posição do outro nessa mesma circunstância (2008, p. 108).

A língua portuguesa atualmente, novas perspectivas

A aprendizagem de uma língua não significa dizer que o educando sabe classificar os verbos e identificar o sujeito da frase, ou ainda, que compreende os elementos estruturantes das palavras estudadas isoladamente. Engloba muito além que o conhecimento específico das temáticas desenvolvidas, resulta dizer que ele é aptos de utilizar o que construiu de conhecimento para fins comunicativos (WIDDOWSON, 1997, p. 14).

Travaglia (1997) declara o ponto de vista de que o ensino da língua materna constitui-se especialmente em desenvolver no discente a competência e habilidade comunicativa. O alcance desse objetivo consiste na proposta de aulas voltadas para o ensino produtivo.

Essa concepção visa a levar o educando à aquisição de novos conhecimentos a respeito da língua materna para que no momento em que ele achar necessário possa ter maior variedade de habilidades linguísticas.

O primeiro questionamento é que tipo de gramática assumir em sala de aula e como conduzir os discentes a participarem das aulas com interesse de obterem resultados positivos no desenvolvimento das competências comunicativas? Em conformidade com Travaglia (1997), ao trabalhar a gramática introspectiva, o docente desenvolve atividades que propõe-se ao discente a fazer uma reflexão sobre a língua que comanda, no mesmo momento em que sugere atividades sobre os mecanismos linguísticos que ele até este momento não domina a fim de construir novas competências linguísticas.

De acordo com Travaglia (1997), na laboração em sala de aula há possibilidade de ser utilizado dois tipos de gramática reflexiva: trabalhar com exercícios que conduz o discente a nomear eventos da estrutura e do funcionamento da língua, e com sugestões focadas para os efeitos de sentido que os componentes linguísticos podem construir numa situação comunicativa. Considerando o ensino baseado na convivência comunicativa, o planejamento metodológico da gramática reflexiva direcionada para a forma de atuar utilizando as habilidades linguísticas revela ser adequado para alcançar os resultados positivos no processo de ensino de aprendizagem da língua portuguesa.

Conforme Travaglia (1997, p. 151):

As atividades podem assumir as formas que a capacidade de criação do professor encontrar, mas devem sempre fazer o aluno pensar na razão de se usar determinado recurso em determinada situação para produzir determinado efeito de sentido. Isto vai fazer com que ele utilize com mais segurança e precisão os recursos da língua ao produzir seus textos e tenha capacidade de leitura bastante ampliada e aperfeiçoada, para julgar o que quer dizer o produtor de um texto, ao usar certos recursos determinados da língua e não outros.

Em conformidade com Travaglia (1997), a gramática introspectiva questiona a respeito do significado da escolha de estabelecido elemento linguístico numa circunstância comunicativa e a consequência que ele produz, que em lugar de prender o educando numa análise de palavras fora de contexto, propõe um trabalho envolvendo os recursos utilizados em situações comunicativas específicas e o efeito que produzem no receptor.

No que diz respeito à leitura, há uma preocupação acerca do fracasso apresentado pelos estudantes nas atividades que envolvem interpretação textual e que não é exclusiva dos professores de Português. Os educadores das demais disciplinas também sentem o quanto existe um despreparo para resolver um problema matemático ou entender um texto de geografia sobre “placas tectônicas”, sendo que a única exigência é que os educandos saibam ler e entender o que está escrito.

Mas, nas aulas de língua portuguesa, a prática da linguística textual através leitura assume um papel destaque. O estudante precisa ser preparado para alcançar o que o escritor quis oferecer para o mundo naquelas linhas que escreveu, e a tarefa do professor é justamente motivar o educando a fim de despertar essa capacidade de ler, pensar, interpretar e confrontar o que leu com suas próprias ideias e vivências, o que o torna sujeito ativo no processo da leitura (Koch, 2002, p. 159).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão deste estudo pude ver e entender como a Literatura de Cordel, enquanto veículo do imaginário popular, refaz os caminhos enviesados do olhar matuto, reconstitui a maneira do sertanejo contrapor-se ao universo e, além do mais, deixa vestígios do sistema incompreensível sobre o qual se constrói seu sentimento de contestação.

Manifestação artística viva em sintonia estreita com visão popular, a Literatura de Cordel oferece aos pesquisadores um espaço sempre aberto de reflexão sobre uma maneira peculiar, por vezes contraditória, mas não menos preciosa, de se pensar o mundo e de afirmar a identidade, traçando caminhos de subversão e de liberdade, protesto, convertendo o espaço poético numa arena de luta.

É que o povo resignados, alimentado por sentimentos de inferioridade e sofrimento, inventam suas próprias maneira de dar significado a uma existência castigada e de reconquistar um pouco da dignidade ofendida, e de indeferimento da realidade em que o povo se compensa do opressor, a Literatura de Cordel se dá como presente para a Literatura de um aspecto geral como veículo da angústia artística estruturada, dando à fantasia a possibilidade da luta e da revolução.

O Cordel é uma atuação de narrar histórias que vem a partir da Idade Média e, no Brasil, é bem mais propagado na região nordeste do que nas demais regiões brasileiras. Nessas narrativas, um narrador, usualmente anônimo, conta suas vivências para disseminar um ensinamento moral, uma inspiração de vida.

O anonimato, todavia, foi uma particularidade histórica que no decurso do tempo foi se deixando e atualmente não é mais tão significativo. Entretanto cabe à escola usar em tal intensidade esse importante texto para que os discentes conheçam, visto que, para valorizar eles têm de conhecer e compreender seu valor cultural, político e social.

A escola precisa acrescentar as experiências de trabalho com a Literatura de Cordel e oportunizar aos discentes entrarem em contato com essa literatura, é precisamente um alerta para a veracidade da diversidade étnica e racial e não permanecerem presos a formas literárias, do mesmo modo que conhecerem um pouco da história seu país e de sua civilização.

Além do mais, o Cordel com seu entusiasmo lírico e vertentes filosóficas são motivadores para se conquistar e desenvolver o prazer que a leitura nos proporciona, com todas as técnicas ao alcance se faz imprescindível tornar a sala de aula prazerosa, com apetrechos que façam o diferencial no processo de ensino/ aprendizagem. À vista disso, o grande desafio é dar seguimento ao procedimento de resgate da Literatura de Cordel que não ocupa um lugar em tal intensidade na escola. De modo conseqüente, introduzir a Literatura de Cordel para a sala de aula é contextualizar o discente no meio social, é ratificar que o Cordel integra-se a identidade não somente do nordestino, mas sim, do povo brasileiro.

Desse modo, é constantemente importante ressaltar, que a sociedade moderna não reverencia a cultura popular, abandonando-a e deixando de fora do processo educativo, escondendo de veze em quando sua riqueza cultural, que está perdida no tempo, no espaço e no esquecimento. Finalmente, o Cordel se manifesta como um relevante instrumento para o processo de aprendizado, em razão da sua linguagem particular e suas vozes sociais efetivas que representam uma considerável parcela da cultura brasileira.

A Literatura de Cordel detém seu valor cultural, social e político que pode ser correlacionada com a literatura classificada clássica. Uma vez que têm escritores consagrados, que da mesma forma escreveram sobre os problemas de miséria do sertanejo e até dos cangaceiros. Ademais, o trabalho com a Literatura de Cordel na sala de aula com instigação à leitura, em um universo cercado de tecnologias, fazer utilização de textos considerando em “desuso” se torna um enorme desafio para os docentes, e ao mesmo tempo autoriza que o mesmo trabalhe na sala de aula no processo das competências e habilidades leitoras dos discentes.

Considerando que os poetas nascem na escola e se constituem a partir de uma ampla e expressiva experiência de leitura e se a escola contribuir com este parâmetro estará cumprindo sua função social e política.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. MORAIS, A. G.; FERREIRA, A. T. B. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, p. 252-264, 2008.
- ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins; CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. *CRB-8 Digital*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 3-21, jan. 2012. Pesquisa feita em 14/08/2018.
- BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- _____. Estética da Criação Verbal. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BATISTA, Sebastião Nunes. Poética popular do nordeste. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.
- BENTES, A. C. Linguagem: práticas de leitura e escrita. São Paulo: Global - Ação Educativa Assessoria. Pesquisa e Informação, 2004.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Revista do Departamento de Teoria Literária: Remate de Males*, Campinas, 1999 n. esp. Disponível em: 150 Acesso em: 12 agosto 2018.
- CURRAN, Mark. História do Brasil em Cordel. São Paulo: EDUSP, 1998.
- EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político e divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FONSÊCA, A. V. L.; FONSÊCA, K. S. B. Contribuições da literatura de cordel para o ensino da cartografia. *Revista Geografia*, v. 17, n. 2, Londrina, 2008.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GARCIA-CANCLINI, Nestor. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo. EDUSP, 1997.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2010.
- GOMES, G. M. S.; NASCIMENTO NETO, L. D. A Cultura Afro-Brasileira no Saber Escolar Contemporâneo: articulando histórias, linguagens, memórias e identidades. *Revista Encontros de Vista*, v. 02, p. 13-24, 2009.
- HAURÉLIO, Marco. Breve história da literatura de cordel. São Paulo: Claridade, 2010.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- PETRILLI, Susan. Em outro lugar e de outro modo: filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin. São Carlos: João & Pedro Editores, 2013.

PONZIO, Augusto. A Revolução Bakhtiniana. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Procurando uma palavra outra. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SANTOS, C. F. O ensino da leitura e a formação em serviço do professor. Revista Teias, ano 3, v. 05, n. jan/jun, p. 29-34, Rio de Janeiro/ RJ, 2002.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. Vertentes e evolução da literatura de cordel. Brasília: Ensino, 2011.

SILVA, João Melquíades Ferreira. Feira de Versos. João Melquíades F. da Silva, Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré. São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Ed. Cortez, 2009. 14ª ed.

XAVIER, Maria do Socorro Cardoso. Tesouro redescoberto: a riqueza do folheto em verso. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

VASQUEZ, Pedro Afonso. O universo do cordel. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. O universo do cordel. Recife: Banco Real, 2008.

Sobre o Autor

Antonio Eudes Mota

Mestre em Ciências da Educação. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2004) Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade Kurios (2015). Especialização em Língua Portuguesa e Literatura. Pós-Graduado em Alfabetização e Letramento. Especialista em Neuropsicopedagogia. Atualmente é professor da Escola Municipal Dr. Edmilson Barros de Oliveira, Redenção-CE. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.

Índice Remissivo

A

analisar 8, 9
aprendizagem 9, 10, 16, 18, 19, 20, 26, 39, 40, 43
arte 10, 11, 15, 19, 22, 28, 29, 30, 33, 38
artística 15, 42

C

cidadania 9, 26
comunicação 24, 25, 27, 34, 35, 37, 38
contemporâneos 12, 14, 27
cordel 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 45
cordelista 10, 16, 21, 31
cordelistas 10, 17, 18, 21, 28, 29, 36, 39
cultura 8, 9, 10, 11, 13, 16, 17, 18, 20, 26, 33, 35, 37, 38, 43
cultural 8, 9, 10, 13, 14, 16, 18, 34, 37, 39, 42, 43

D

docente 10, 40

E

ensino 2, 5, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 32, 39, 40, 43, 44, 45
escola 10, 18, 22, 25, 26, 29, 42, 43, 44
etiologia 2, 8, 9

F

ferramenta 16, 18, 34, 37

G

genérica 14
gênero 8, 9, 16, 17, 18, 24, 28
gramática 28, 40, 45

H

história 10, 11, 35, 36, 39, 42, 44

I

imaginário 8, 39, 42
inclusão 10
inovações 8, 17

L

leitores 28, 44

leitura 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 22, 24, 37, 40, 41, 43, 44, 45

ler 14, 17, 41

letras 13, 28

língua 2, 8, 9, 10, 11, 18, 22, 24, 26, 31, 39, 40, 41

linguagem 9, 10, 18, 19, 20, 36, 37, 39, 43, 44

linguagens 8, 9, 18, 19, 20, 44

literária 9, 10, 14, 20, 25, 26, 31, 33, 39, 44

literatura 2, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45

M

metodológico 20, 40

N

nordestino 8, 9, 10, 12, 15, 16, 17, 22, 23, 38, 43

P

pedagógica 9, 24, 32

poesia 8, 12, 16, 17, 18, 19, 30, 33, 34, 38

políticas 12, 13, 23, 34

portuguesa 2, 5, 8, 9, 10, 18, 20, 22, 24, 39, 40, 41

processo 18, 20, 26, 37, 40, 41, 43

professor 16, 18, 32, 34, 40, 41, 45, 46

R

reflexão 9, 20, 40, 42

romance 12, 14, 27

S

socialização 9

sociedade 11, 27, 29, 36, 37, 38, 43

T

textual 9, 10, 17, 18, 20, 27, 41

X

xilogravura 9, 15, 16

